

**A apropriação do discurso alheio e a composição de enunciados autorais em redações do ENEM**  
**The appropriation of the discourse of Others and the composition of authorial utterances in ENEM**

*André Cordeiro dos Santos\**  
*andre.cordeiro@ifal.edu.br*  
*Instituto Federal de Alagoas – campus Piranhas*

---

**RESUMO:** Ao tomar parte da discussão a respeito do ensino e da aprendizagem de língua materna na escola, neste artigo, propomos analisar os modos e formas de apropriação do discurso de outrem na construção de discursos autorais de candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por meio de textos disponibilizados na internet. Para tanto, partimos da perspectiva filosófica de linguagem do Círculo (BAKHTIN, 2010 [1919/20]; 2015 [1934/35]; 2016 [1952/53]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; VOLOCHINOV, 2013ab [1930]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) e, para a análise, selecionamos três excertos-dizeres de três textos de candidatos do ENEM, dentre redações bem avaliadas disponibilizadas livremente na internet. A partir da análise desses excertos-dizeres, percebemos uma tendência à delimitação do discurso alheio e, apesar dessa tendência ao isolamento do discurso alheio, foi possível constatar a inter-relação entre os discursos apropriados e os discursos autorais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso alheio. Enunciado. Autoria. Redação do ENEM.

**ABSTRACT:** As we participate in the discussion about the teaching and learning of the Portuguese language in school, we propose, in this paper, an analysis of the modes and forms of appropriation of the discourse of Others when candidates of the High School Nacional Exam (ENEM in Portuguese) write authorial utterances in their texts, which have been shared on the internet. To do that, we have used, as our theoretical basis, the Circle's (BAKHTIN, 2010 [1919/20]; 2015 [1934/35]; 2016 [1952/53]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; VOLOCHINOV, 2013ab [1930]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) understanding of language. For the analysis, we selected excerpts from three well-evaluated texts of ENEM candidates, made freely available on the internet. Based on the analysis, we noticed that despite their tendency to mark the discourse of Others, the interrelation between appropriated discourses and authorial discourses was also verified.

**KEYWORDS:** Discourse of Others. Utterance. Authorship. ENEM compositions.

---

\* Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas, no Campus Piranhas.

## 1 Entrando no fluxo do diálogo

Por ser um ser de linguagem, que constitui sua consciência discursivamente, é por meio da interação discursiva que o ser humano se inscreve nas relações sociais das quais faz parte (VOLÓCHINOV, 2017 [1929])<sup>1</sup>. Devido a isso, no processo de constituição como sujeito de linguagem, ele precisa passar por um processo de apropriação dos *modos de dizer* dos sujeitos – gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016 [1952/53]) – das diferentes esferas discursivas das quais ele faz parte para, assim, poder interagir e agir socialmente, de maneira adequada, nos diferentes espaços sociais.

Isso, inevitavelmente, implica um processo de aprendizagem que, apesar de se iniciar na interação com as pessoas que fazem parte dos círculos familiares, ganha seu maior espaço – espaço este formal – nas práticas de ensino de língua materna que se desenvolvem no contexto escolar. É necessário, neste ponto, mencionar que, com a afirmação, não estamos querendo dizer que o único modo de se apropriar das “formas”<sup>2</sup> relativamente estáveis de composição de enunciados (BAKHTIN, 2016 [1952/53]) seja por intermédio da escola. Estamos apenas querendo evidenciar que é a escola a instituição oficialmente responsável pelo aprendizado dessas formas de linguagem, sobretudo, no que se refere à modalidade escrita e formal.

Apesar de a escola ser a instituição oficialmente responsável por esse aprendizado, temos percebido que nem sempre o trabalho desenvolvido por ela tem atingido as expectativas criadas pela sociedade, sobretudo no desenvolvimento da consciência linguístico-discursiva que se distingue quanto aos usos adequados da linguagem. Exemplo disso são as baixas médias alcançadas por estudantes em avaliações de âmbito nacional, tal qual o Exame Nacional do Ensino Médio (doravante ENEM), no que se refere ao uso da linguagem escrita e formal, em um formato específico: a redação escolar<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> O nome do autor ora será escrito com acento (Volóchinov – tradução de Sheila Grillo), ora sem (Volochnov – tradução de Wanderley Geraldi), obedecendo às grafias usadas pelos tradutores.

<sup>2</sup> As aspas na palavra “forma” têm o objetivo de evidenciar que a palavra não é tomada em sentido estruturalista.

<sup>3</sup> De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira, a nota média dos candidatos do ENEM 2019 foi de 592,9, em uma escala de 0 a 1000. Os dados podem ser acessados em: <http://download.inep.gov.br/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

A esse respeito, cabe considerar o que Bunzen (2014) aponta, em apresentação do livro *Letramentos Sociais* (STREET, 2014), para esse tipo de exame. Segundo o autor (2014), esses exames que são usados para avaliar a consciência linguística dos alunos da educação básica, geralmente, seguem uma lógica neoliberal<sup>4</sup>, que massifica o modo de avaliação e, dessa maneira, desconsideram as especificidades do aprendizado de cada sujeito-estudante. Outrossim, partindo do que argumenta Bunzen (2014), é preciso considerar que esse processo de avaliação massificada tem tido também grandes efeitos sobre as práticas de ensino de língua escrita que têm se dado na educação básica, como a criação de ideias-clichês pelos professores para serem replicadas pelos seus alunos na escrita de seus textos.

Devido às baixas notas alcançadas por estudantes no ENEM, tem surgido uma série de mudanças – que tendem à massificação e à replicação – nos modos de conceber o ensino de língua materna, a fim de que os estudantes consigam uma melhor nota na avaliação. Todas essas mudanças começaram a se intensificar a partir do momento em que o ENEM deixou de ter o objetivo único de avaliação da qualidade do ensino médio e passou também a ser usado como forma de ingresso no ensino superior, no ano de 2009 (POLACHINI, 2016).

Com essa mudança, o exame passou a determinar as práticas de ensino de língua que têm se dado em todo o território nacional, na medida em que os professores de língua portuguesa, por serem cada vez mais cobrados pelo bom desempenho dos seus alunos, começaram a focar o ensino dos caracteres formais da construção textual, seguindo a lógica do chamado ensino tradicional (FARACO; TEZZA, 2014). Além disso, começam a surgir, no lugar dos chamados cursinhos pré-vestibular, os cursinhos pré-ENEM. Nesses cursinhos, os professores têm desenvolvido uma série de técnicas que, segundo eles, garantiriam o desenvolvimento das habilidades necessárias para a escrita de textos passíveis de atingir a nota máxima.

A respeito das técnicas desses cursinhos, Rodrigues (2015), em artigo de opinião, publicado no jornal Diário de Pernambuco, menciona uma dessas técnicas

---

<sup>4</sup> Essa lógica diz respeito a um modo de organização socioeconômica voltado para o lucro, sem intervenção do estado. Sob essa lógica, o ensino se torna uma mercadoria. Consequentemente, um conjunto de técnicas de ensino, passíveis de serem replicadas (o que implica massificação), é criado, visando ao lucro. Por ser massificador, como efeito dessa inserção da lógica neoliberal no ensino, as subjetividades dos alunos são desconsideradas.

com suas consequências ao aprendizado de língua. Segundo a autora, professores de cursinhos pré-ENEM do Recife têm criado fórmulas para uma escrita que seja boa o suficiente para a obtenção de uma nota alta na escrita da redação solicitada no ENEM. Dentre essas fórmulas, está o incentivo para que os estudantes usem citações em seus textos, ainda que as atribuindo a autores aleatoriamente, pois, segundo professores dos cursinhos, como sugere Rodrigues (2015), não haveria problema, já que os avaliadores certamente não verificariam a correlação autor-citação.

Ao observar a lógica dos professores desses cursinhos, parece que o simples fato de haver uma citação no texto do candidato fará essa produção melhor, mais adequada aos critérios para a obtenção da nota alta. No entanto, é provável que mais do que observar a presença ou não de discursos de outrem nessas produções, seja preciso atentar aos modos como esses dizeres de outrem são utilizados para a composição do discurso autoral. Ou seja, o importante é analisar a correlação entre o discurso citado e aquele usado para citar, conforme propõe Volóchinov (2017 [1929]), para, assim, se ter uma ideia das relações dialógicas que se estabelecem no interior do enunciado, nesse caso, na redação do ENEM. Desse modo, neste artigo, partimos dos seguintes questionamentos: *como se dá a apropriação do discurso de outrem na escrita do gênero redação escolar de candidatos do ENEM bem avaliados e como a inter-relação entre o discurso citado e o usado para citar, nesses textos, evidencia (ou não) uma consciência linguístico-discursiva na composição de enunciados autorais.*

Ao buscar responder aos questionamentos supracitados, tomamos como objetivo geral, nesse artigo, a *análise da apropriação do discurso de outrem na inter-relação com os discursos autorais, de candidatos do ENEM bem avaliados.* Além disso, temos como objetivos específicos a investigação dos modos e das formas<sup>5</sup> sintáticas por meio dos quais esses discursos são apropriados e análise das inter-relações que se estabelecem nesses textos entre os discursos de outrem e os discursos autorais.

Para cumprir os objetivos supracitados, esse trabalho se fundamenta teoricamente na filosofia da linguagem estudada pelo Círculo<sup>6</sup> (BAKHTIN, 2010

---

<sup>5</sup> No estudo da apropriação do discurso de outrem, Volóchinov (2017 [1929]) discute esse processo em termo de modos e formas. Discutimos esta questão na seção seguinte.

<sup>6</sup> Grupo de estudiosos composto por Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, entre outros.

[1919/20]; 2015 [1934/35]; 2016 [1952/53]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; VOLOCHINOV, 2013ab [1930]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) e, a partir dela, recorreremos à discussão prática tecida na análise dos modos e das formas (ainda que de forma sintética) de apropriação do discurso de outrem, presente na terceira parte do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL, doravante).

No que se refere à constituição do *corpus* para análise, em primeiro momento, tomamos quinze produções textuais bem avaliadas de candidatos do ENEM, disponibilizadas livremente na *internet*<sup>7</sup>, referentes à proposta do ano de 2013 – “Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil”. A partir de uma primeira análise das informações dos textos – o que pressupõe uma experiência pensante com as práticas de linguagem –, percebemos que três deles traziam citações do mesmo autor, o que poderia ser indício de que, para a escrita de seus textos, os alunos seguiram alguma orientação específica, ou ideia-clichê. Assim, para a análise, por fim, tomamos três excertos-dizeres desses três textos que citam o mesmo autor, a fim de verificar os modos e as formas de apropriação do discurso de outrem neles, bem como a inter-relação que o discurso de outrem estabelece com o discurso autoral. Ainda no que se refere aos textos que constituem o *corpus*, é mister mencionar que, mesmo os textos estando disponíveis na rede mundial de computadores, optamos por, neste artigo, preservar a identidade dos candidatos, autores dos textos.

Dito isso, passamos à discussão da concepção filosófica de linguagem que embasa este artigo e, em seguida, à discussão dos modos e formas de apropriação do discurso de outrem.

## **2 Da perspectiva filosófica de linguagem aos modos e as formas de apropriação do discurso alheio**

Para a análise proposta neste artigo, em um primeiro momento, julgamos ser necessária a apresentação da perspectiva filosófica de linguagem defendida pelo Círculo que adotamos, já que ela é o ponto central neste estudo. Por isso, nesta parte do texto, expomos essa perspectiva para, em seguida, trazermos à discussão os modos e as formas de apropriação do discurso de outrem.

---

<sup>7</sup> Textos disponíveis em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/04/07/confira-exemplos-de-redacoes-nota-1000-do-enem-2013.htm>. Acesso em: 24 nov. 2019.

## 2.1 A perspectiva filosófica de linguagem

A perspectiva filosófica de linguagem que adotamos ganhou destaque a partir dos estudos do Círculo. Esse grupo de estudiosos desenvolveu, por meio dos seus trabalhos (BAKHTIN, 2010 [1919/20]; 2015 [1934/35]; 2016 [1952/53]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; VOLOCHINOV, 2013ab [1930]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928], entre outros), uma perspectiva de linguagem baseada na arquitetura do diálogo, em contraponto às duas principais tendências linguístico-filosóficas do início do século XX – nomeadas como *Objetivismo abstrato* e *Subjetivismo Individualista/Idealista*. Cabe mencionarmos que, apesar de a perspectiva filosófica de linguagem do Círculo ser defendida nos trabalhos de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, as críticas ao *Objetivismo abstrato* e ao *Subjetivismo individualista/idealista* estão tecidas, sobretudo, na obra *MFL* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Para Volóchinov (2017 [1929], p. 155), o *Objetivismo Abstrato* tem o foco no “sistema linguístico, compreendido como um sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais”. Seria por isso que, para esse estudioso (2017 [1929], p. 156), a primeira tendência do pensamento linguístico-filosófico se baseia em um entendimento de língua “que se contrapõe ao indivíduo como norma inviolável e indiscutível, à qual só lhe resta aceitar”. O principal representante dessa tendência é Saussure e, para Volóchinov (2017 [1929]), o grande equívoco dela foi ter deixado de lado o social (com suas implicações para a linguagem).

Já o *Subjetivismo Individualista/Idealista*, segundo Volóchinov (2017 [1929], p.202), tem seu foco na expressão, entendida como “algo que se formou e se definiu de algum modo no psiquismo do indivíduo e é objetivado para fora, para os outros com a ajuda de alguns signos externos”; ou seja, o que interessa são as relações psíquico-individuais do falante. Nessa perspectiva de estudo da linguagem, deve-se partir do interior para o exterior e cabe ressaltar que esse exterior só se torna relevante a título de receptáculo, não interferindo na formação e constituição do enunciado. O principal representante dessa perspectiva é Vossler. A respeito dessa segunda tendência, o próprio Volochínov (2013 [1930c], p. 214-215), no texto *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística*, reconhece que ela representa um avanço em relação ao *Objetivismo Abstrato*, por ela destacar o caráter criativo da enunciação isolada. Apesar disso, o autor (2017 [1929]) argumenta pelo erro dessa

tendência por não considerar o social (com suas implicações) como constitutivo do enunciado.

Diante das críticas tecidas às duas perspectivas, Volóchinov (2017 [1929]) propõe uma nova, que considera as questões de ordem social como sendo constitutivas da linguagem. Essa nova concepção filosófica de linguagem defendida pelo autor – e por Bakhtin e Medviédev em outros textos – é, portanto, de natureza sociológica e tem as seguintes proposições como sua base: (I) o sistema de signos, por si só, não dá conta da realidade dos fenômenos linguísticos; (II) a língua é um fenômeno em processo e esse processo se efetiva pela interação; (III) as leis da evolução da linguística são sociológicas; (IV) a criatividade de uma língua está ligada aos valores ideológicos e essa criatividade é originada de uma necessidade social; e (V) a enunciação é puramente social/ideológica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929])

Como pode ser visto na discussão posta até aqui, a perspectiva filosófica de linguagem atribui ao social grande importância como definidor da linguagem em todas as suas dimensões, pois até a própria consciência do sujeito-falante se constitui discursivamente, por meio da linguagem, na interação social-discursiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Por isso, a esse entendimento da enunciação como puramente social subjaz o entendimento da dupla constituição do enunciado que, de acordo com Volochínov (2013 [1930b]), no texto A construção da enunciação, comporta uma parte verbal e outra extraverbal. Na parte verbal, têm-se a entonação, a seleção das palavras e a sua disposição no interior do enunciado; já na parte extraverbal, têm-se a situação – que engloba o espaço e o tempo nos quais a enunciação se dá, o objeto ou o tema e a atitude dos sujeitos-falantes frente ao que ocorre – e o auditório (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930b]).

Esse reconhecimento faz com que as questões além do sistema entrem em jogo na busca da compreensão dos fenômenos da linguagem, e é nesse sentido que Bakhtin (2015 [1934/35], p. 86) defende que, sendo a linguagem ideológica, no enunciado (*discurso*) há sempre a interação de vozes, ou seja,

O discurso voltado para seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros [...] (BAKHTIN, 2015, p.48).

A consideração dessa interação entre essas diferentes vozes discursivas que se estabelecem nos enunciados, pontuada por Bakhtin (2015), é indispensável para a construção de sentidos. Sendo assim, observar as inter-relações entre discursos autorais e discursos de outrem, que se fazem presentes nos enunciados por meio da apropriação do discurso de outrem, é fundamental para a compreensão das interações discursivas que permeiam as diversas práticas sociais. Essas inter-relações dão indícios da consciência linguístico-discursiva dos sujeitos no uso de prática de linguagens diversas, entre as quais estão as práticas de escrita escolar, como a redação do ENEM.

Postos os principais aspectos da perspectiva filosófica que investiga os fenômenos discursivos por meio do método sociológico, temos condições para adentrar a discussão da apropriação do discurso de outrem.

## 2.2 Os modos e as formas de apropriação do discurso de outrem

Na terceira parte do livro *MFL*, Volóchinov (2017 [1929]), após apresentar e defender, nas duas partes precedentes, a perspectiva filosófica de análise de fenômenos da linguagem por meio do método sociológico, aponta para o fato de haver a ausência de uma abordagem produtiva dos fenômenos da sintaxe. Essa ausência, segundo o autor, seria consequência de uma percepção de língua morta e alheia, guiada pelos objetivos principais de decifração e de ensino aos outros – em uma perspectiva tradicional e estruturalista de língua e ensino. Diante disso, e reconhecendo que os fenômenos dessa ordem são de grande valia para a compreensão da linguagem, Volóchinov (2017 [1929]) propõe analisar o fenômeno da transmissão do discurso de outrem.

O primeiro ponto para o qual Volóchinov (2017 [1929]) chama atenção é o fato de que, segundo ele, o estudo produtivo das formas sintáticas só é possível no terreno de uma teoria bem elaborada do enunciado. O que o autor defende implica, necessariamente, um movimento que permite ir além das formas linguísticas isoladas em si mesmas e em suas relações dentro do sistema linguístico. Ao defender esse movimento para um novo modo de estudo dos fenômenos da sintaxe, Volóchinov (2017 [1929], p. 243) argumenta que “todas as categorias linguísticas são aplicáveis apenas no interior do enunciado”; no entanto, por tratar da linguagem

que vai além das relações internas do enunciado, é preciso também uma nova forma de análise que permita superar o estudo das relações internas do enunciado.

Para discutir a questão da transmissão do discurso de outrem, o primeiro passo de Volóchinov (2017 [1929]) foi definir o que é discurso de outrem. Nas palavras do autor, “o discurso alheio é o *discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 249; *grifos do autor*). Nesse ponto, já é possível perceber que este é um fenômeno que pressupõe a dimensão dialógica e ideológica de interação entre discursos e enunciados, ou seja, é mais que um processo de assimilação linguística, é um processo de interação discursiva entre diferentes vozes. Isso se evidencia ainda mais quando Volóchinov (2017 [1929] p. 249) defende que o discurso de outrem não é apenas o conteúdo ou o tema de nossas palavras, pois “o enunciado alheio [...] pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como seu elemento construtivo específico”.

É por isso que, para o autor, o discurso de outrem é concebido pelo sujeito-falante como um enunciado de *outro* sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). No entanto, na inter-relação com o discurso autoral (discurso que se apropria do discurso outro) cria seus meios de incorporação sintáticos, estilísticos e composicionais. Nas palavras de Volóchinov,

O enunciado autoral que incorporou outro enunciado em sua composição elabora as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial, para sua inclusão na unidade sintática, composicional e estilística do enunciado autoral, mantendo ao mesmo tempo, nem que seja de modo rudimentar, a independência inicial (sintática, composicional e estilística) do enunciado alheio, sem a qual a sua integridade seria imperceptível (2017 [1929], p. 250).

Além disso, para Volóchinov (2017 [1929]), as formas de transmissão do discurso de outrem também expressam uma *relação ativa* entre o enunciado transmitido e o enunciado autoral que perpassa todas as dimensões do enunciado. Por isso, mais que um processo mecânico de assimilação do discurso outro, tem-se, nesse processo, o fenômeno de “*reação da palavra à palavra*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 251; *grifo do autor*). Essas formas refletem as tendências principais e

constantes da “*percepção ativa do discurso alheio*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 252; *grifos do autor*), processos esses que são de fundamental importância para a compreensão do diálogo na linguagem.

Diante disso, é preciso considerar que “qualquer transmissão do discurso de outrem se dá a fim de cumprir objetivos específicos e é sempre direcionada a terceiros, para aqueles a quem se dirige o discurso autoral” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 252). É preciso pontuar essa orientação para terceiros porque, segundo o estudioso, ela ressalta a influência das forças sociais organizadoras sobre a percepção e assimilação do discurso de outrem. Assim, é preciso considerar que quando há a recepção e a assimilação do discurso de outrem, esse discurso é recebido e assimilado não por um ser inerte, que não sabe falar, nem age conscientemente sobre os dizeres de outrem, mas, sim, por um ser humano repleto de palavras interiores, de pontos de vistas axiológicos que permitem que ele ocupe um lugar único no mundo (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Nas palavras do autor,

Essa percepção ativa e intradiscursiva se dá em duas direções: em um primeiro momento, o enunciado alheio é emoldurado pelo *contexto real e comentador* (que, em parte, coincide com aquilo que é chamado fundo de percepção da palavra), pela situação (interna e externa), pela expressão visível e assim por diante; e em um segundo momento, *prepara-se uma réplica (Gegenrede)* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 254, *grifos do autor*).

É nesse sentido que Volóchinov (2017 [1929], p. 255) afirma que “entre o discurso alheio e o contexto da sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio”. Por isso, para o estudioso, o principal erro dos estudiosos da sintaxe foi o isolamento, quase que em absoluto, das formas de transmissão do discurso de outrem do seu contexto de transmissão, pois:

O verdadeiro objeto deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (“alheio”) e o discurso transmissor (“autoral”). Pois na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 255).

No que se refere aos diferentes modos pelos quais a apropriação do discurso de outrem pode se dá, para Volóchinov (2017 [1929]), pode-se distinguir duas principais tendências dessa dinâmica: o estilo linear e o estilo pictórico de apropriação. O primeiro estilo tem como tendência principal a criação de contornos

exteriores nítidos em volta do discurso citado, correspondendo a uma fraqueza do fator individual-composicional interno, muito embora esta não se anule. Na segunda orientação, há a tendência de atenuar os contornos exteriores nítidos das palavras de outrem, permitindo ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem.

É preciso, no entanto, pontuar que no que se refere aos modelos sintáticos de transmissão do discurso de outrem – discurso direto e discurso indireto com suas respectivas modificações –, eles não se apresentam como formas estanques de classificação. Por exemplo, existem variantes do discurso indireto que tendem a uma maior conservação da integridade do discurso de outrem e, ao mesmo tempo, existem variantes dessas formas sintáticas de apropriação que tendem mais à penetração das avaliações subjetivas do sujeito que se apropria de um discurso alheio (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Essa questão precisa ser considerada quando se pretende analisar a inter-relação entre discursos.

A fim de evidenciar como as formas de apropriação do discurso de outrem e suas variantes dão conta de expressar as tendências de recepção ativa do discurso de outrem, cada uma à sua maneira, evidenciando ainda que há uma espécie de contínuo entre a forma mais marcada de apropriação do discurso de outrem até a forma menos marcada, fizemos uma síntese das variantes apontadas por Volóchinov (2017 [1929]).

No que se refere ao discurso direto com suas variantes, Volóchinov (2017 [1929]), argumentando que na língua russa havia uma enorme quantidade de variantes dessa forma – no contexto de escrita de *MFL*, início do século XX –, propôs um recorte e, assim, deteve-se ao estudo das formas do discurso direto nas quais há trocas entoacionais entre o discurso autoral e o discurso de outrem. Essas formas são: discurso direto preparado; discurso direto reificado; discurso direto retórico; e discurso direto substituído.

Segundo Volóchinov (2017 [1929]), a primeira variante do discurso direto se encontra estritamente relacionada, mesmo no plano estrutural, com o discurso indireto. O estudioso nomeia essa modificação de *discurso direto preparado*. Para Volóchinov (2017 [1929]), essa é a variante do discurso direto que se caracteriza como sendo aquela que surge a partir de um discurso indireto, pois este é usado para preparar a citação direta posta em seguida. Tem-se, assim, em um mesmo enunciado, vozes diferentes que falam em momentos distintos, mas, por seu caráter

de preparação, o discurso indireto pode direcionar o leitor na compreensão do discurso outro.

A segunda modificação do discurso direto apresentada por Volóchinov (2017 [1929]) é caracterizada pela interação entre a voz autoral e a voz outra, na medida em que, nessa modificação, o discurso autoral se constrói de um modo em que as definições objetuais do personagem [ou sujeito outro] fazem sombras espessas sobre o discurso direto. A essa variante, Volóchinov (2017 [1929]) dá o nome de *discurso direto reificado*. Por conta da interação entre vozes pontuadas anteriormente, as avaliações e as emoções que permeiam a descrição ou a antecipação objetual de outrem são transferidas às próprias palavras outras, carregando-as de entonações e colorações autorais.

Dentre as variantes do discurso direto que se amparam sob a forma linear de apropriação do discurso de outrem está a modificação retórica, nomeada, por Volóchinov (2017 [1929]) de *discurso direto retórico*, que se caracteriza pelo uso de uma pergunta ou expressão retórica (do autor) no enunciado autoral e, para essa pergunta ou expressão retórica, há uma resposta da personagem (de outrem). Devido a essa característica do discurso direto retórico, há uma interação entre as diferentes vozes, o que coloca essa variante na fronteira entre a palavra autoral e a palavra de outrem, sendo que, no entanto, a palavra autoral prevalece em relação à palavra outra, já que é aquela que direciona a resposta desta.

Outra variante do discurso direto que se assemelha muito com a anterior e que se caracteriza justamente pela interação de vozes do autor e da personagem – do outro – é o discurso direto substituído. Para Volóchinov (2017 [1929]), essa variação se caracteriza pelo processo de apropriação do discurso de outrem por um autor em um processo que, ao falar, é como se o autor o fizesse pela personagem – pelo outro –, o discurso do autor é o próprio discurso da personagem – do outro. Ou seja, nas palavras de Volóchinov (2017 [1929], p. 287, *grifo nosso*), “o autor se antecipa ao seu personagem [ao outro], fala aquilo que ele poderia ou deveria dizer, que convém à situação”.

Já o discurso indireto com suas variantes, de acordo com Volóchinov (2017 [1929]), consiste na transmissão analítica do discurso de outrem e a análise do discurso de outrem é inseparável de sua transmissão. O autor aponta para quatro variantes do discurso indireto, a saber: a modificação analítica-objetual do discurso

de outrem; a modificação analítica-verbal do discurso de outrem; a modificação impressionista do discurso indireto; e a modificação indireta livre.

A primeira modificação do discurso indireto elencada por Volochinov (2017 [1929]) caracteriza-se pela transmissão de um enunciado de outrem a partir da posição semântica do falante outro, transmitindo, analiticamente, a composição objetual do enunciado outro. Nesse caso, para o estudioso, o sentido é desmembrado nos seus componentes semânticos e objetuais, ou seja, o foco se volta à forma do discurso outro, e a expressão da palavra outra se dá de forma objetificada, sem grandes interações do discurso outro com o discurso autoral. Essa primeira modificação do discurso indireto é nomeada por Volóchinov (2017 [1929]) de *Analítica-objetual*.

A segunda modificação do discurso indireto, apontada por Volóchinov (2017 [1929]), é chamada de *Analítica-verbal*. Nessa segunda modificação, diferentemente da primeira, transmite-se o discurso de outrem não como forma, mas, sim, como *expressão*, o que significa dizer que, quando se transmite o discurso de outrem se caracteriza o objeto do discurso e também o próprio falante, o que permite transmitir também o modo de falar e o estado de espírito do falante outro. Nessa forma de transmitir o discurso de outrem, para além da simples transposição gramatical do discurso direto, há um processo no qual o próprio enunciado outro é decomposto em camadas verbo-estilísticas (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

A terceira modificação do discurso indireto apresentada por Volóchinov (2017 [1929]) é a *Impressionista*. De acordo com o estudioso, essa modificação se diferencia das demais por ser usada principalmente como um recurso para se apropriar do discurso interior de personagens [de outrem], transmitindo, assim, também seus pensamentos e seus sentimentos. É por sua função que, segundo Volóchinov (2017 [1929]), essa modificação trata o discurso de outrem com muita liberdade. Nessa forma de apropriação do discurso de outrem, a entonação afetiva do autor perpassa fácil e livremente o discurso outro, penetrando à estrutura instável do discurso outro interior.

A última variante do discurso indireto pontuada por Volóchinov (2017 [1929]) é o discurso indireto livre<sup>8</sup>. No discurso indireto livre, tem-se o *eu* e o *outro* falando

---

<sup>8</sup> O discurso indireto livre é discutido por Volóchinov (2017 [1929]) como sendo uma forma de apropriação do discurso de outrem que se diferencia do discurso direto e do discurso indireto com suas variantes. No entanto, acredito que ele pode ser visto como uma modificação do discurso

juntos, sem que se possa saber os limites do discurso outro no âmbito linguístico<sup>9</sup>, por isso no enunciado se têm as ênfases do enunciado de outrem entrecruzadas com as ênfases do autor do enunciado, de acordo com Volóchinov (2017 [1929]). Ou seja, é o processo discursivo por meio do qual se têm as ênfases de outrem e as ênfases do autor na mesma construção linguística (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Esses estilos/modos e formas descritos, segundo Volóchinov (2017 [1929]), impõem efeitos de sentidos específicos e diversos entre si, por isso acreditamos que investigar suas presenças e os efeitos de sentidos que eles trazem aos textos dos alunos é relevante à compreensão dos discursos autorais dos candidatos do ENEM. E mais que isso, entender a inter-relação que se estabelece entre o discurso de outrem e o discurso autoral é indispensável à própria constatação dos chamados indícios de autoria.

Feita a discussão da base teórica sobre a qual este artigo se apoia, passamos à análise da inter-relação entre discursos autorais e discursos alheios em enunciados bem avaliados de candidatos do ENEM 2013.

### **3 Um olhar para a inter-relação entre discursos alheios e discursos autorais em redações bem avaliadas do ENEM**

Nesta parte do texto, trazemos excertos-dizeres de três textos de candidatos bem avaliados no ENEM 2013. Na referida edição, a temática proposta para a escrita da redação foi *Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil*. Não há nenhum motivo específico para escolha de redações desse ano, além do fato de o conjunto de textos bem avaliados ter sido disponibilizado na internet, com acesso livre. Para essa constituição do *corpus*, como já dito na introdução deste texto, tomamos um conjunto de quinze textos disponibilizados por um site de notícias e, a partir de uma primeira análise, optamos por tomar excertos-dizeres de três dos textos, que citavam o mesmo autor, por acreditar que essa citação do mesmo autor poderia dar indícios de adoção de ideias-clichês pelos candidatos na escrita de suas redações. A partir

---

indireto, sendo que o discurso indireto livre representaria o grau máximo do estilo pictórico; o grau máximo de apagamento das fronteiras entre o discurso de outrem e o discurso autoral.

<sup>9</sup> As fronteiras do discurso de outrem só podem ser percebidas pelo ouvinte se ele é conhecedor desse discurso de outrem.

disso, procedemos à observação da inter-relação entre discursos autorais e discursos alheios.

Na prova do ENEM 2013, a proposta de redação, a qual o candidato devia atender, segue uma lógica voltada para a estrutura linguística e de elementos composicionais do gênero discursivo redação escolar. Devido a isso, é comum que os alunos se sintam desorientados no que se refere às instâncias enunciativas para a redação que precisam escrever. Veja a proposta:

**Figura 1 – Proposta de redação do ENEM 2013**



Fonte: *InfoEnem*<sup>10</sup>

Observando a proposta, percebemos que ela traz orientações no sentido de especificar questões linguísticas à escrita da redação (uso do padrão de língua portuguesa e organização de ideais de forma coesa e coerente) e no sentido de apontar questões estruturais desse gênero discursivo (apresentar proposta de intervenção, selecionar, organizar, e relacionar ideias em defesa de ponto de vista etc.). No entanto, no que se refere às instâncias enunciativas que extrapolam essas questões linguísticas e estruturais, não há qualquer especificação. Na proposta, não é especificado, por exemplo, quem é o *outro* para quem se dirige o texto; qual o contexto imediato e mais amplo no qual o texto se inseriria; quais objetivos de escrita etc., instâncias imprescindíveis a um entendimento de escrita como prática social. É a partir dessa proposta que surgem as redações das quais tomamos excerto-dizeres à análise.

O primeiro excerto-dizer, do *candidato 1*, é parte de uma redação na qual é desenvolvido o argumento de que a chamada Lei Seca constitui um mecanismo necessário para a instauração da ordem na sociedade e a manutenção da vida humana. Para tanto, o *candidato 1* trouxe uma citação de Thomas Hobbes – filósofo inglês que desenvolve teoria amparada em ideias absolutistas sobre a necessidade

<sup>10</sup> A proposta na íntegra, com textos motivadores, está disponível em: <https://www.infoenem.com.br/como-usar-a-coletanea-da-proposta-de-redacao-do-enem/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

de haver mecanismo de controle das ações do homem para a manutenção da paz social (HOBBS, 1983) – para falar do tema Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil. Veja a seguir:

**Trecho 1** – Excerto-dizer do texto do *candidato 1*

Thomas Hobbes, filósofo inglês, dizia que o estado de natureza humano é um risco à sobrevivência da própria espécie, e que instituições que regulamentem o comportamento e as ações do homem são essenciais para evitar o caos e a extinção da humanidade. A Lei Seca é uma dessas instituições. Mesmo cientes de que o álcool como droga neurodepressora altera a capacidade de raciocínio, reflexo e de coordenação motora, muitos motoristas, por comodidade e falta de responsabilidade, não demonstrando o mínimo de apreço e zelo pela vida quando decidem dirigir após terem consumido bebida alcoólica. [sic]

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/><sup>11</sup>

Conforme pode ser visto no excerto-dizer, o *candidato 1* recorre ao discurso de Thomas Hobbes, na forma indireta, na modificação *analítica-verbal*, pois, apesar de o *candidato 1* usar verbo declarativo “dizia”, que aponta para a modificação analítica-objetual, que tende à conservação da integridade do discurso alheio, o conteúdo do discurso de Hobbes é transmitido como expressão e não como objeto no seguinte trecho: “Thomas Hobbes, filósofo inglês, *dizia* que o estado de natureza humano é um risco à sobrevivência da própria espécie, e que instituições que regulamentem o comportamento e as ações do homem são essenciais para evitar o caos e a extinção da humanidade”. Ou seja, no texto de Hobbes (1983), há essa ideia de que o homem precisa ser regulado para que haja a manutenção da ordem e da paz na sociedade. No entanto, Hobbes (1983) não usa, para isso, uma estruturação linguística semelhantes a que o *candidato 1* usa, o que caracteriza a apropriação do discurso de outrem como expressão e, conseqüentemente, implica, já neste ponto, interação entre o discurso autoral do *candidato 1* e o discurso de Hobbes.

Já na segunda parte do excerto-dizer, o *candidato 1* toma a Lei Seca como uma dessas instituições regulamentadoras da ação do ser humano, em “A Lei Seca é uma dessas instituições”. Nessa parte do excerto-dizer, o discurso alheio e o discurso autoral começam a se inter-relacionarem de forma mais evidente, já que o *candidato 1* transpõe a ideia de Hobbes (1983) a um novo contexto. Além disso, o

---

<sup>11</sup> Cf. nota de rodapé 7 para o link completo para o acesso livre às redações.

*candidato 1* evidencia, por meio de exemplificação de situação social geradora da criação da Lei Seca, que o ser humano pode representar um perigo para si próprio, semelhante ao que argumenta Hobbes (1983), sem essas instituições regulamentadoras, ao dizer que “Mesmo cientes de que o álcool como droga neurodepressora altera a capacidade de raciocínio, reflexo e de coordenação motora, muitos motoristas, por comodidade e falta de responsabilidade, não demonstrando o mínimo de apreço e zelo pela vida quando decidem dirigir após terem consumido bebida alcoólica”.

Diante disso, percebemos que, no desenvolvimento do seu argumento, o *candidato 1* acaba por tomar a ideia do discurso alheio como base para o seu próprio dizer, já que inclui uma lei de um momento temporal recente no rol de formas de regulamentação da ação do homem, partindo das ideias de Hobbes (1983) sobre essa necessidade de regulamentação. Diante desse processo de apropriação, evidenciam-se indícios da inter-relação entre o dizer apropriado e o dizer do *candidato 1* no seu excerto-dizer, percebidos a partir da forma pela qual o discurso de outrem é tomado à composição do enunciado e a partir de como ele serve de base para a sustentação da defesa do ponto de vista do *candidato 1*. Essa inter-relação é ainda indício de uma consciência linguístico-discursiva necessária à escrita de enunciados autorais.

No excerto-dizer do texto dois, seguindo uma linha de argumentação semelhante à do *candidato 1*, há também citação das ideias de Hobbes para falar do tema referente à Lei Seca. Veja:

#### **Trecho 2** – Excerto-dizer do texto do *candidato 2*

Como dizia Hobbes, “o homem é o lobo do homem”. Portanto, a Lei Seca é um mecanismo e essencial para que o homem não se torne, ao mesmo tempo, predador e presa de sua própria espécie. [sic]

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/><sup>12</sup>

No excerto acima, o *candidato 2* cita Hobbes (1983) em “como dizia Hobbes, ‘o homem é o lobo do homem’”, usando a modificação preparada do discurso direto – modificação na qual o discurso direto é preparado pelo discurso autoral/indireto –, tendendo, nesse caso, ao estilo linear de apropriação, embora ainda haja interação

<sup>12</sup> Cf. nota de rodapé 7 para o link completo para o acesso livre às redações.

entre o discurso autoral e o discurso alheio. A partir disso, o *candidato 2* articulou o dizer alheio ao seu próprio, por meio do uso de um mecanismo linguístico e coesivo de valor conclusivo, i.e., a conjunção “portanto”, levando à conclusão de que “a Lei Seca é um mecanismo e essencial para que o homem não se torne, ao mesmo tempo, predador e presa de sua própria espécie”. Ao fazer isso, o *candidato 2* tomou o discurso de Hobbes (1983), transpondo-o para o outro contexto, para argumentar que a lei Seca é um meio necessário para regular a ação humana, impedindo que o homem, devido às suas ações inconsequentes, torne-se o predador e a presa ao mesmo tempo em suas próprias ações.

Nesse excerto, apesar do uso da forma direta preparada e da tendência ao estilo linear de apropriação do discurso alheio, há indícios de que, no próprio nível da língua – conjunção “portanto”, que liga o discurso outro à conclusão autoral proposta –, o *candidato 2* articula o discurso alheio ao seu próprio, evidenciando uma inter-relação entre os dois discursos. Essa inter-relação é indício de consciência linguístico-discursiva por parte do *candidato 2*, embora essa consciência se evidencie de modo mais incipiente que o excerto-dizer anterior, do *candidato 1*.

No excerto-dizer 3, o *candidato 3* argumenta que a mistura entre álcool e direção tem afetado o bem-estar da sociedade e, a partir disso, apoiando-se nas ideias de Hobbes (1983), argumenta que a Lei Seca beneficia a organização social. Veja:

### **Trecho 3** – Excerto-dizer do texto do *candidato 3*

A interação entre o álcool e a direção afeta o bem-estar da sociedade brasileira. Segundo Thomas Hobbes, o Estado surgiu para regular o caos gerado pelos agrupamentos humanos. A partir dessa análise, a Lei Seca cumpre a sua função de beneficiar a organização coletiva. [sic]

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/><sup>13</sup>

De acordo com o que pode ser visto no excerto-dizer, para a construção da sua argumentação, o *candidato 3* lança uma afirmação referente à sua atualidade social, “a interação entre o álcool e a direção afeta o bem-estar da sociedade brasileira”; a partir disso, recorre ao discurso do discurso de Hobbes, na modificação analítica-verbal da forma indireta, transmissão do discurso alheio como expressão,

---

<sup>13</sup> Cf. nota de rodapé 7 para o link completo para o acesso livre às redações.

em “segundo Thomas Hobbes, o Estado surgiu para regular o caos gerado pelos agrupamentos humanos”; e, por fim, tenta transpor a ideia de Hobbes (1983) de regulamentação da ação humana pelo Estado à criação e à aplicação da Lei Seca, em “a partir dessa análise, a Lei Seca cumpre a sua função de beneficiar a organização coletiva”.

O trecho do enunciado do *candidato 3* apresenta uma falta de articulação por meio de elementos de coesão entre os três períodos. No entanto, apesar disso, é possível perceber uma ligação discursiva entre essas três partes. No que se refere à inter-relação entre os períodos e também entre discursos, ao dizer que “a Lei Seca cumpre a sua função de beneficiar a organização coletiva”, percebemos indícios da incorporação das ideias de Hobbes na construção da argumentação do *candidato 3*, por meio da transposição da ideia do autor para o contexto brasileiro de aplicação da Lei Seca. Essa inter-relação entre discursos aponta para a apropriação ativa do discurso de Hobbes (1983) e, conseqüentemente, dá indícios de uma consciência linguístico-discursiva por parte do *candidato 3* para a construção de enunciados autorais.

#### **4 Considerações finais**

Neste artigo, tivemos o objetivo de analisar a apropriação do discurso de outrem na inter-relação com discursos autorais na composição de enunciados bem avaliados de candidatos do ENEM 2013, disponibilizados na internet, por meio da observação dos modos e das formas de apropriação do discurso alheio e seus conseqüentes efeitos de sentido para o enunciado autoral. Para tanto, recorreremos à perspectiva filosofia de linguagem do Círculo e à discussão que se tece a respeito dos modos e formas de apropriação do discurso alheio, presente na terceira parte de *MFL*. No que se refere ao *corpus*, tomamos trechos de três textos bem avaliados de candidatos do ENEM 2013, nos quais havia a citação do filósofo Hobbes.

A partir da análise, percebemos a tendência ao uso do discurso alheio de forma marcada, o que implica a possibilidade de distinção do discurso alheio no discurso autoral. No entanto, apesar dessa tendência, constatamos que há, nos três excertos-dizeres analisados, a inter-relação entre discursos autorais e discursos alheios, o que aponta para uma consciência linguístico-discursiva por parte dos candidatos necessária à composição de enunciados autorais – em alguns casos

essa consciência se mostrou menos consistente. Essa inter-relação pôde ser vista a partir da transposição que os candidatos fizeram das ideias de Hobbes para outro contexto – o de criação e aplicação da Lei Seca. Sendo assim, as inter-relações entre o discurso apropriado e os discursos dos candidatos evidenciam marcas de posicionamentos – decorrente da apropriação das ideias de Hobbes – em relação a um tema específico: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil.

Por fim, a partir da análise, também foi possível perceber que, mesmo em situações nas quais o objetivo da escrita é a avaliação em um exame massificador (BUNZEN, 2014), o enunciado (discurso) se constitui a partir da interação de diferentes vozes em relação de diálogo e/ou tensão, comprovando o que defende Bakhtin (2015 [1934/35]) e ratificando a natureza dialógica da linguagem, conforme defende Volóchinov (2017 [1929]).

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução do italiano Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010 [1919/20].

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934/35].

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra; notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952/53].

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre Literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. *Oficina de texto*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HOBBS, Thomas. *Leviatã: matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

POLACHINI, N.R.S. *Redações do ENEM: réplicas ativas nas múltiplas vozes*. São Paulo: Porto das Ideias, 2016.

RODRIGUES, Siane. Cursinhos de redação para o ENEM e a ética docente. *Jornal Diário de Pernambuco*. Brasil, 05 de fev. 2015.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHINOV, V. Que é a linguagem. In: VOLOCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João editores, 2013a [1930]. p. 131-156.

VOLOCHINOV, V. A construção da enunciação. In: VOLOCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João editores, 2013b [1930]. p. 157-188.

VOLOCHINOV, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: VOLOCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João editores, 2013c [1930]. p. 213-249.

*Recebido em 03-04-2020*

*Aceito em 12-06-2020*

*Publicado em 01-07-2020*